



DIÁRIOS DE LISBOA

JUL 2026 ~ Número 3
Trimestral - Distribuição Gratuita



Ana, Virgílio e José. Terreiro do Paço, abril de 1949.

Coordenação editorial e direção artística LUÍS ROCHA · Coordenação do projecto TÂNIA ARAÚJO · Redacção jornalística ANA PINTO MARTINHO · Fotografia e texto PARTICIPANTES NO PROJECTO DIÁRIOS DE LISBOA · Edição de imagem LUÍS ROCHA · Paginação RUI GUERRA · Impressão GUIDE, ARTES GRÁFICAS · ISBN 978-989-35755-4-3 · Depósito legal 560897/26 · Tiragem: 200 exemplares © 2026, Movimento de Expressão Fotográfica · www.mef.pt | geral@mef.pt

Projeto de fotografia comunitária com seniores das freguesias de Marvila, Carnide e Misericórdia. Através de sessões de co-criação, promove o registo de memórias e a produção de diários visuais, reforçando vínculos sociais, identidade local e sentimento de pertença. Está integrado no Programa BIP/ZIP - Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa, uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa. Entidades Parceiras: Biblioteca Camões; Biblioteca de Marvila; Bibliotecas de Lisboa; Caleidoscópio | ULisboa; Centro de Desenvolvimento Comunitário Bairro dos Lóios - SCML; Espassus 3G | JFCarnide; Grupo Excursionista VAI TU; Junta de Freguesia da Misericórdia; Junta de Freguesia de Carnide; Junta de Freguesia de Marvila; UITI - Universidade Internacional para a Terceira Idade; Universidade de Lisboa.

IMPRESSÃO EM GEL: CRIATIVIDADE NAS MÃOS DOS SENIORES DE CARNIDE E DA MISERICÓRDIA

Integrados no projeto Diários de Lisboa, os seniores de Carnide e da Misericórdia, tiveram a oportunidade de descobrir a técnica de impressão em gel, um processo simples que transforma qualquer superfície numa tela cheia de cor e textura. Esta técnica, cada vez mais utilizada em contextos de expressão artística e terapia ocupacional, permite bons resultados mesmo para quem nunca tinha pegado num pincel.

Com uma placa de gel, tintas acrílicas e diversos materiais, folhas, rendas, formas recortadas e outros objetos do quotidiano, cada participante explorou livremente combinações de cores e padrões, criando composições únicas e ir-repetíveis. O gesto de espalhar a tinta, sobrepor texturas e pressionar o papel sobre a placa tornou-se, por si só, um momento de concentração, onde cada camada acrescentada revelava novas possibilidades e surpresas.

Ao longo da atividade, foi visível o entusiasmo com que cada um se dedicava à sua criação, experimentando diferentes combinações e não tendo medo de arriscar novas texturas ou cores inesperadas. Alguns optaram por composições mais suaves e delicadas, outros preferiram contrastes fortes e vibrantes, e essa diversidade tornou o resultado final ainda mais rico, refletindo a personalidade e o gosto individual de cada participante.

Mais do que uma atividade artística, esta foi uma oportunidade de estimular a motricidade fina e a criatividade, sempre num ambiente descontraído e de partilha entre todos. Entre risos, trocas de ideias e a curiosidade de ver o resultado de cada impressão a revelar-se.

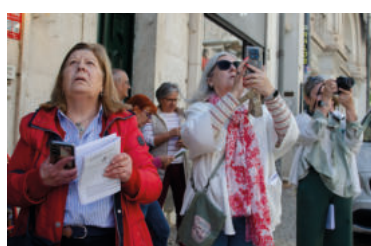
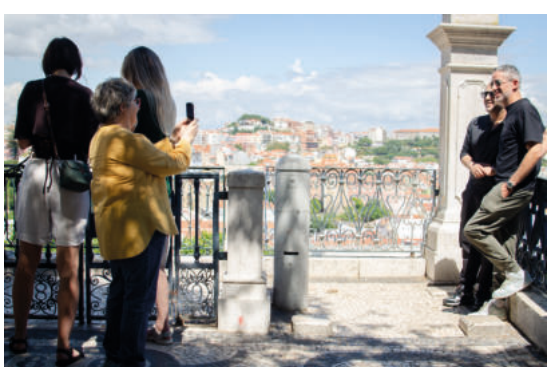
As fotografias que acompanham este texto registam alguns destes momentos, refletindo o envolvimento, a dedicação e a alegria vividos ao longo de toda a atividade.

Ana Pinto Martinho



FOTOGRAFAR LISBOA

Os participantes do projeto, em parceria com o Arquivo Municipal de Lisboa – Fotográfico, realizaram uma viagem pela história da cidade através das imagens preservadas no arquivo. Partindo de fotografias históricas de Lisboa, revisitaram os mesmos locais para registar a sua realidade atual, estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente. Deste exercício de observação e reflexão nasceu uma pequena publicação que reúne estes testemunhos visuais, evidenciando a transformação da cidade ao longo do tempo através do olhar dos participantes..



MAPA EMOCIONAL

O Mapa Emocional foi construído a partir das memórias, experiências e vivências partilhadas pelos participantes do projeto em Marvila, que identificaram os lugares mais marcantes do seu quotidiano e da sua história de vida. Cada fotografia constitui um testemunho visual, através do qual as emoções, as recordações e a relação atual com o território são refletidas em imagens carregadas de significado. O resultado é um conjunto de narrativas visuais que revelam diferentes perspetivas sobre cada indivíduo, valorizando a memória, a identidade e o sentido de pertença à comunidade.

António Martins



Conceição Godinho



Conceição Rosa



José Augusto



Alfredo Madaleno



Benilde Domingues



Maria Amélia Borgueira



Marcelina Manuel



Zaida Pires



Maria Rosa Martins



Valeriana Costa



FOTOGRAFIA COMUNITÁRIA
DÁ VOZ E VISIBILIDADE A SENIORES DE LISBOA



Momento da inauguração do projeto Diários de Lisboa, com a apresentação dos trabalhos realizados na UITI, em exposição na Biblioteca Camões, em Lisboa. A mostra incluiu as reproduções dos álbuns visuais, bem como os próprios álbuns originais, permitindo ao público conhecer o processo e os resultados deste projeto. Fotografia de Pedro Nunes.

Sair à rua com uma câmara na mão e olhar para o bairro como se fosse a primeira vez. É assim que seniores ligados à Universidade Internacional para a Terceira Idade (UITI), da Fundação Celeste e Herberto de Miranda, viveram nos últimos meses o projeto Diários de Lisboa, uma iniciativa de fotografia participativa co-financiada pelo programa BIP/ZIP da Câmara Municipal de Lisboa.

O impacto, do projeto que vai muito para além da fotografia, segundo a própria Fundação, foi “profundo e comovente”. Mais do que aprender técnicas fotográficas, os participantes encontraram na iniciativa uma ferramenta de expressão pessoal, de escuta e de afirmação identitária, três dimensões que, com frequência, se perdem na vida quotidiana da população idosa.

Histórias de vida que ganham palco

Através da construção de “diários visuais” próprios, cada participante teve a oportunidade de dar visibilidade às suas vivências passadas e presentes. As fotografias tornaram-se um veículo de afirmação, ao capturar o quotidiano com atenção e afeto, os seniores viram as suas memórias reconhecidas como parte do património cultural da cidade.

O ato de revisitar fotografias do passado ou de observar imagens mais recentes constituiu um momento de reflexão e de redescoberta da própria história. Cada fotografia representou mais do que um simples registo visual, funcionando como um ponto de partida para a evocação de memórias, emoções e experiências que marcaram diferentes fases da vida. Este processo permitiu estabelecer uma ligação entre o passado e o presente, promovendo uma maior consciência sobre o percurso individual.

A construção de um álbum centrado no eu e nas vivências de cada participante implicou um exercício de seleção, organização e atribuição de significado às imagens escolhidas. Mais do que reunir fotografias, tratou-se de um processo de curadoria pessoal, no qual cada pessoa refletiu sobre aquilo que considerava mais representativo da sua identidade, das suas relações e dos momentos que contribuíram para a formação do seu percurso de vida.

Este trabalho favoreceu a valorização da história pessoal, permitindo reconhecer experiências, conquistas, desafios e transformações ao longo do tempo. Ao selecionar e contextualizar as imagens, os participantes foram convidados a olhar para si próprios de uma forma mais consciente, identificando elementos que reforçam o sentimento de identidade, continuidade e pertença.

“A idade não anula a criatividade”

Para a Fundação Celeste e Herberto de Miranda, os Diários de Lisboa vieram confirmar uma premissa que orienta décadas de trabalho com a população sénior: envelhecer de forma ativa é continuar a reescrever, todos os dias, a própria história na própria cidade. “A idade não anula a criatividade. Pelo contrário, expande-a”, afirma a instituição.

O convite para participar no projeto partiu do MEF — Movimento de Expressão Fotográfica, entidade que desafiou a UITI a integrar esta rede como parceira. A Fundação reconhece publicamente o papel determinante da organização ao “colocar a câmara fotográfica nas mãos” dos seus alunos, concluindo que “a fotografia comunitária é, acima de tudo, um ato de cidadania e de amor ao próximo.

Ana Pinto Martinho



Dra. Celeste Soares de Miranda e Eng.º Herberto Manuel de Miranda, fundadores da Universidade Internacional para a Terceira Idade.

DO CONCEITO À IMAGEM



Memórias que guardo em livros. Por falta de espaço ou por não gostar de ter o meu espaço demasiado preenchido, guardo as recordações que cabem nos livros.

Guardo em livros bilhetes de concertos, exposições e espetáculos que Lisboa me foi proporcionando desde que vim do Alentejo há 43 anos.

Essas experiências culturais muito diversificadas não acrescentaram apenas conhecimento, tiveram um impacto significativo no meu desenvolvimento emocional e social, moldando a minha abertura a novas experiências e forma de ver o mundo.

Por esse motivo, decidi que alguns desses bilhetes seriam a base das minhas colagens e quero acreditar que essas experiências vividas também me estimularam a sensibilidade e criatividade que reflito nas mesmas.

Elsa Rebocho



52 formas de ver DIÁRIOS DE LISBOA

52 Formas de Ver é uma publicação que prolonga a experiência do projeto Diários de Lisboa, transformando a fotografia num exercício de escolha e descoberta.

Organizado como um baralho de cartas, reúne **52 desafios** em que cada carta propõe uma pergunta que convida a decidir, interpretar e assumir um ponto de vista.

Mais do que um conjunto de exercícios, é um convite a olhar de forma diferente, explorando novas possibilidades de criação, promovendo o registo de memórias e a produção de diários visuais através da fotografia.





Um baptizado que juntou a minha família numa foto, no antigo Jardim Colonial em Belém inaugurado em 1906. A foto é anterior a 1920 e retrata essa época. O jardim passou a chamar-se Jardim Botânico Tropical.

Ao longo do projeto, os participantes criaram diários visuais manufaturados, onde reuniram memórias afetivas, experiências pessoais e vivências do presente, construindo um registo íntimo que reflete a sua identidade e a forma como se relacionam com a cidade de Lisboa. Na imagem, reproduz-se uma página do Diário Visual de Ana Paula Sequeira.

DO PROCESSO À MEMÓRIA PARTILHADA

Ao longo dos últimos meses, o Diários de Lisboa consolidou-se como um espaço de criação coletiva onde a fotografia deixou de ser apenas um instrumento de registo para se afirmar como um exercício de encontro, reflexão e construção de memória. O trabalho desenvolvido nas freguesias da Misericórdia, de Carnide e de Marvila demonstra que cada imagem nasce de uma relação com o território e com as pessoas que o habitam, revelando uma cidade feita de múltiplas narrativas, olhares e experiências.

Os resultados do projeto tornam-se agora visíveis em diferentes formas, refletindo a identidade e o percurso desenvolvido em cada freguesia. Em Marvila, o Mapa Emocional reúne memórias, percursos e afetos, propondo uma cartografia construída a partir das vivências dos participantes. Mais do que localizar lugares, identifica experiências, transformando o território num espaço de memória coletiva onde cada ponto corresponde a uma história partilhada. Em Carnide, as colagens fotográficas exploram a sobreposição de imagens, memórias e imaginação, dando origem a composições que cruzam passado, presente e futuros possíveis. Já na Misericórdia, as impressões em gel permitiram experimentar processos alternativos de transferência de imagem, criando objetos únicos onde fotografia, matéria e memória se fundem, reforçando a dimensão sensorial e manual do projeto. Também os Diários Visuais, desenvolvidos ao longo das sessões, ganham agora uma nova dimensão pública através de um conjunto de exposições que apresentam reproduções das publicações construídas pelos participantes. Estes trabalhos poderão ser vistos na Biblioteca de Marvila, na Biblioteca Camões e no Espaço Bento Martins, em Carnide, permitindo que cada freguesia revele o seu percurso, as suas memórias e a sua forma singular de olhar Lisboa.

Este percurso culminará numa exposição de caráter global, no Caleidoscópio, onde, pela primeira vez, as três intervenções territoriais serão apresentadas em simultâneo. A reunião dos trabalhos desenvolvidos na Misericórdia, em Carnide e em Marvila permitirá compreender o projeto na sua dimensão coletiva, evidenciando as diferenças, mas também os pontos de encontro entre comunidades que, através da fotografia, construíram uma memória comum da cidade.

Concluída esta etapa de trabalho no terreno, inicia-se agora uma nova fase dedicada à edição dos resultados. Está em desenvolvimento o livro de processo, publicação que documentará o percurso coletivo do projeto, reunindo metodologias, imagens, testemunhos e reflexões produzidas ao longo da intervenção. Mais do que um registo documental, este livro procurará preservar a experiência, tornando visível o processo de construção dos diários visuais e da memória partilhada que lhes deu origem.

Em paralelo, será publicado 52 Olhares, uma publicação que prolonga a experiência do projeto Diários de Lisboa, transformando a fotografia num exercício de escolha e descoberta. Organizado como um baralho de cartas, reúne cinquenta e dois desafios em que cada carta propõe uma pergunta que convida a decidir, interpretar e assumir um ponto de vista. Mais do que um conjunto de exercícios, constitui um convite a olhar de forma diferente, explorando novas possibilidades de criação, promovendo o registo de memórias e a produção de diários visuais através da fotografia.

Com estas novas publicações e com o conjunto de exposições, o Diários de Lisboa ultrapassa a duração das oficinas e das atividades desenvolvidas em cada freguesia. O projeto afirma-se como um processo contínuo de construção de memória, onde cada imagem permanece aberta a novas interpretações e onde cada participante contribui para ampliar o arquivo afetivo da cidade. Mais do que documentar Lisboa, o projeto continua a construir formas de a olhar, de a compreender e de a imaginar coletivamente.

Em Retratos Falados, são os próprios participantes que dão voz às suas memórias, experiências e vivências. Os vídeos produzidos constituem um património vivo, preservando histórias pessoais que ajudam a compreender a identidade, a diversidade e a evolução de Lisboa e das suas comunidades. Entrevistas realizadas no âmbito do protocolo de colaboração com a Escola Superior de Comunicação Social, com realização de Paulo Barbosa.

Movimento de Expressão Fotográfica